

## PARA ALÉM DAS REVOLUÇÕES AÇUCAREIRAS: REPENSANDO O CARIBE ESPANHOL NOS SÉCULOS XVII E XVIII<sup>1</sup>

Juan Giusti-Cordero

### RESUMO

As Antilhas espanholas figuram pouco na historiografia caribenha dos séculos XVII e XVIII, cujas protagonistas são, em geral, as Antilhas de língua inglesa, francesa e holandesa. A escassa importância das *plantations* escravistas nas Antilhas hispanas durante esses séculos parece excluí-las da história da região. Entretanto, uma análise mais integrada da história do Caribe revela uma interação importante entre a produção de provisões, gado e madeira das Antilhas hispanas e as vizinhas “ilhas açucareiras”, mediadas, sobretudo, pelo comércio de contrabando.

PALAVRAS-CHAVE: Caribe, açúcar, *plantations*, contrabando.

However brave their ancestors may have been, [the inhabitants of the Spanish Islands] have degenerated into a dastardly and mongrel herd of mulattoes, musters, and other spurious mixtures, and are now certainly the very scum of mankind –

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste trabalho foi publicada em inglês com o título “Beyond Sugar Revolutions: Rethinking the Spanish Caribbean in the Seventeenth and Eighteenth Centuries”. In: BACA, George, Aisha KHAN e Stephan PALMIÉ (eds.). *Empirical Futures: Anthropologists and Historians engage the work of Sidney W. Mintz*. University of North Carolina Press, 2009, p. 58-83. Tradução para o português: Maria Isabel de Castro Lima. Revisão técnica: Viviana Gelado e Juan Giusti-Cordero.

NATHANIEL JOHNSON, governor of the English Leeward Islands (1689).<sup>2</sup>

[Puerto Rico] is one of the finest islands I ever saw, and I verily believe not any one island in the West Indies is more capable of improvement than this; but through the pride and sloth of the inhabitants it is the far greater part of it still a wilderness... It might in the hands of the English or Dutch be rendered a paradise on earth, but the present inhabitants are mere devils... This town [San Juan] is a nest of pirates in times of peace, and an asylum for runaway negroes from our islands.  
– JOHN GEORGE (1748)<sup>3</sup>

Según sensaron los loros  
qe dejaron los piratas:  
Ochenta miles de patas  
Por las montañas; tesoro  
Aora el jengibre y los toros,  
La sal, el ron i la brega.

<sup>2</sup> *Calendar of State Papers, Colonial, 1689-1692*, p. 28-29, citado em MORALES-CARRIÓN, Arturo [1952]. *Puerto Rico and the Non-Hispanic Caribbean: a Study in the Decline of Spanish Exclusivism*. Río Piedras: University of Puerto Rico Press, 1971, p. 51. “Por mais valentes que seus ancestrais tenham sido, [os habitantes das ilhas espanholas] degeneraram-se em um bando de mulatos, uma mistura desqualificada e outras mesclas espúrias de covardes sem raça definida, e hoje são, sem dúvida, a escória da humanidade”. Tradução minha (N. da T.).

<sup>3</sup> “Journal of a Captive. Remarkable Occurrences from the Year 1745 to 1748”. Manuscript Division, Library of Congress; citado em MORALES-CARRIÓN, *op. cit.*, p. 81. “[Porto Rico] é uma das ilhas mais belas que já vi, e realmente acredito que não há uma única ilha nas Índias Ocidentais que seja capaz de melhorar como esta; mas, pelo orgulho e preguiça de seus habitantes, a maior parte dela ainda está em estado selvagem... Poderia, nas mãos dos ingleses ou dos holandeses, transformar-se em um paraíso na terra, mas os habitantes atuais são simplesmente demônios... Esta cidade [San Juan] é um ninho de piratas em tempos de paz, e um asilo de negros fugidos de nossas ilhas.” Tradução minha. (N. da T.)

Dos siglos fueron la brea  
De aqueya jente sensiya  
Qe fabricaban sus biyas  
En cadáveres de aldeas.  
JOSERRAMÓN MELENDES (1977)<sup>4</sup>

A história das ilhas hispânicas (Cuba, Espanhola/São Domingos e Porto Rico) do século XVI ao século XVIII é ainda um território quase inexplorado.<sup>5</sup> Durante esses dois séculos, os territórios ingleses, franceses e dinamarqueses do Caribe passaram por uma “revolução açucareira” e tornaram-se sociedades de *plantation* escravagistas, gerando imensa fortuna, ao passo que as ilhas espanholas pareciam estar estagnadas como colônias pobres não desenvolvidas, quase fora da história.

Sidney Mintz foi um dos raros caribenhistas a estudar o desenvolvimento das Antilhas Espanholas, ao mesmo tempo em que refletia sobre o papel delas, como um todo, na história social caribenha. Adotando uma perspectiva histórica excepcional –por ter se fundado em uma pesquisa etnográfica em Porto Rico, Jamaica e Haiti–, Mintz destacou os padrões ecológicos e históricos comuns das Antilhas Espanholas<sup>6</sup> e os situou na história social

<sup>4</sup> De “Puertorrico”, em MELENDES, Joserramón. *Desimos dêsimas*. Río Piedras: Qease, 1983, p. 92. “Segundo mostram os louros/ deixados pelos piratas:/ são oitenta mil passadas/ pelas montanhas, tesouro/ agora gengibre, touros,/ o sal, o rum e a refrega./ Duzentos anos de trevas/ daquelas gentes ingênuas/ que construíram vivendas/ em cadáveres de aldeias.” Tradução minha (N. da T.). Os versos estão escritos foneticamente de acordo com a pronúncia porto-riquenha.

<sup>5</sup> A Ilha de São Domingos (Espanhola) foi colônia espanhola até 1697, quando a Espanha reconheceu os direitos da França sobre a faixa ocidental do território. Esta parte tornou-se a colônia francesa de Saint-Domingue e, depois da independência, Haiti. A ilha permaneceu dividida em dois países, exceto durante duas décadas (1822-1844), quando o Haiti governou a ilha inteira.

<sup>6</sup> Ver MINTZ, Sidney. “Cañamelar: the sub-culture of a rural sugar plantation proletariat”. In: STEWARD, Julian *et al.* *The People of Puerto Rico*. Urbana: University of Illinois Press, 1956. p. 314-417; MINTZ, Sidney. “Foreword” a Ramiro GUERRA y SÁNCHEZ. *Sugar and Society in the Caribbean*. New Haven: Yale University Press, 1964. p. v-xliv; MINTZ, Sidney. “Puerto Rico: an essay in the definition of a national culture”. In: U.S.-Puerto Rico Status Commission. *Status of Puerto Rico. Selected Background Studies Prepared for the U.S.-Puerto Rico Status Commission on the Status of Puerto Rico*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1966. p. 339-434; MINTZ, Sidney. “The Caribbean as a socio-cultural area”. In: HOROWITZ, Michael (ed.). *Peoples and Cultures of the Caribbean*. Garden City: Natural History Press, 1971. p. 17-46.

geral da região<sup>7</sup>. Mintz esquematizou magistralmente a “relação *plantation*-camponês” e, ao assumir uma perspectiva que evoca, sobretudo, temáticas da historiografia do Caribe hispânico, corrigiu a distorção introduzida pelas abordagens da história do Caribe centradas na *plantation*. Mintz também enfatizou, em todo seu trabalho, o impacto de histórias e ecologias locais sobre o desenvolvimento social das populações originariamente europeias e africanas. Assim, Mintz discerniu a “adaptação *criolla*” nas ilhas espanholas, bem como a situação dos “camponeses assentados”, historicamente desenvolvidos, em especial em Porto Rico<sup>8</sup>. Em relação aos séculos XVII e XVIII, ao diferenciar as Antilhas Espanholas, Mintz chegou a afirmar que estes eram territórios realmente isolados, que permaneceram estagnados até se unirem a uma sorte de “corrida de revezamento” na expansão da *plantation* de cana-de-açúcar caribenha, isto é, até se engajarem, de alguma forma, na revolução açucareira<sup>9</sup>. Enquanto nas últimas duas décadas a atenção de Mintz se voltou para outros temas, um artigo posterior<sup>10</sup> aos já citados parece situar a *plantation* como um propulsor fundamental na história caribenha<sup>11</sup>.

O quadro complexo que emerge do texto de Mintz sobre as Antilhas Espanholas é rico em argumentos conceituais, história social concreta e conexões provocadoras entre teoria e história. Apesar disso, a visão de Mintz sobre as Antilhas Espanholas permanece desconcertante. O autor afirma com mais frequência o que o Caribe espanhol **não era** nos séculos XVII e XVIII –um

<sup>7</sup> Ver, em português, MINTZ, Sidney. “Aturando substâncias duradouras, testando teorias desafiadoras: a região do Caribe como *oikoumenê*”. *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados*. Org. e trad. Christine Rufino Dabat. Recife: Ed. da UFPE, 2003. p. 49-88

<sup>8</sup> Ver MINTZ, Sidney, “Foreword”, *op. cit.*; MINTZ, S., “Puerto Rico: an essay...”, *op. cit.*; MINTZ, S. “A Note on the Definition of Peasantries”. *Journal of Peasant Studies*, 1 (1): 91-106, 1973; MINTZ, Sidney. *Caribbean Transformations*. Chicago: Aldine Publishing Co., 1974; MINTZ, Sidney, “Slavery and the rise of peasantries”. In: CRATON, Michael (ed.). *Roots and Branches: Current Directions in Slave Studies*. Toronto: Pergamon Press, 1980. p. 213-242.

<sup>9</sup> Ver MINTZ, S., *Caribbean Transformations*, *op. cit.*, p. 105; e antes WILLIAMS, Eric. *Capitalism and Slavery*. Chapel Hill: Univ. of North Carolina Press, 1944, p. 7.

<sup>10</sup> MINTZ, S., “Enduring substances, trying theories: the Caribbean region as *oikoumenê*”. *Journal of the Royal Anthropological Institute* (N.S.) 2: 289-311, 1995. (Em português: “Aturando substâncias duradouras...”, *op. cit.*, p. 49-88.)

<sup>11</sup> Para uma perspectiva de teor mais etnográfico, ver MINTZ, S. *Three Ancient Colonies. Caribbean Themes and Variations*. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

conjunto de “Ilhas de Açúcar” – do que o que ele **era**. De todo modo, este não é o momento para fazermos uma crítica totalizadora da perspectiva de Mintz sobre as Antilhas Espanholas e sua transição para uma produção de açúcar em larga escala; muito menos, de aventurar hipóteses sobre as implicações decorrentes de pensarmos as noções de Caribe como a primeira região verdadeiramente “moderna” e como a primogênita do capitalismo ultramarino europeu, com base na história antilhana espanhola. Não obstante isso, este ensaio buscará articular uma caracterização abrangente e afirmativa das Antilhas Espanholas em relação com as histórias mais conhecidas das ilhas açucareiras inglesas, francesas e holandesas dos séculos XVII e XVIII.

### Uma revolução que se repete?

A produção da *plantation* tornou-se importante nas Antilhas Espanholas apenas no final do século XVIII, no caso de Cuba; a partir dos anos 1820, em Porto Rico; e no início do século XX (bem depois da escravidão), na República Dominicana<sup>12</sup>. Nos séculos XVII e XVIII, a prosperidade baseada no açúcar dos territórios não hispânicos contrastava fortemente com a aparente estagnação das colônias espanholas.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Ver WILLIAMS, E. *From Columbus to Castro: the History of the Caribbean, 1492-1969*. Nova York: Vintage Books, 1970; CANABRAVA, Alice P. *O açúcar nas Antilhas (1697-1755)*. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1981; MINTZ, Sidney e Sally PRICE (eds.). *Caribbean Contours*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1985; CURTIN, Philip. *The Rise and Fall of the Plantation Complex: Essays in Atlantic History*. Nova York: Cambridge University Press, 1990; STINCHCOMBE, Arthur. *Sugar Island Slavery in the Age of Enlightenment: The Political Economy of the Caribbean World*. Princeton: Princeton University Press, 1995.

<sup>13</sup> É certo que vários territórios ingleses, franceses e holandeses não estavam engajados na produção de açúcar; algumas das Antilhas Menores permaneceram inconquistadas e sob o controle dos caribes ou dos caribes negros até a década de 1790; as ecologias de certas ilhas inglesas e francesas limitaram severamente a produção da *plantation* de açúcar; e mesmo as “ilhas de açúcar” se caracterizaram pela diversidade regional interna. Algumas mudanças no poder colonial de várias ilhas deram origem também a diferenças socioeconômicas importantes. No entanto, a preponderância da produção de açúcar, a existência de uma grande maioria de população escrava e a forte dependência das exportações de açúcar eram muito claras em ilhas como Barbados, St. Kitts, Antigua, Guadalupe, Martinica, Jamaica e na região ocidental de Espanhola, que mais tarde foi Saint-Domingue. Ver BRERETON, Bridget. “Regional histories.” In: HIGMAN, B. W. (ed.). *General History of the Caribbean*.

O relato de B. W. Higman sobre a revolução açucareira –que Menard considera “possivelmente a concepção mais importante na historiografia sobre o Caribe”<sup>14</sup>– sintetiza um amplo consenso sobre o que ocorreu no Caribe inglês e francês nos séculos XVII e XVIII, e o que **não** aconteceu nas ilhas hispânicas: “uma rápida mudança de uma agricultura diversificada para a monocultura do açúcar; da produção em pequenas fazendas para grandes *plantations*; do trabalho livre para o trabalho escravo; de assentamentos pouco populosos para densos; de populações brancas para negras; e de um baixo para um alto valor do produto *per capita*”<sup>15</sup>. Embora haja opiniões divergentes sobre a importância do trabalho escravo, a posse de terras em larga escala e o açúcar *per se*, há um consenso em torno do acontecimento de uma revolução açucareira<sup>16</sup>, ou algo semelhante, na maioria das ilhas não hispânicas. Entretanto, nos territórios espanhóis não acontecia nada análogo. As ilhas espanholas não estavam se desenvolvendo em direção àquilo que os especialistas denominam “complexo de *plantation*”<sup>17</sup>, nem para uma “revolução de *plantation*”<sup>18</sup>.

O que de fato estava acontecendo no Caribe espanhol nos séculos XVII e XVIII não é tão claro; desde a perspectiva da revolução açucareira, a história das ilhas hispânicas durante aqueles anos parece ser a de uma época amorfa que não mereceria conceitos maiores nem debate histórico.<sup>19</sup> Para aqueles que postulam a existência da revolução açucareira, o assunto é simples: a revolução ainda não tinha atingido as ilhas espanholas, mas, inexoravelmente, um dia ela aconteceria. Historiadores das Antilhas Espanholas, com Ramiro Guerra

---

Londres: UNESCO Publishing, 1997. Vol. 6, p. 308-342.

<sup>14</sup> MENARD, Russell. *Sweet Negotiations: Sugar, Slavery, and Plantation Agriculture in Early Barbados*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2006, p. 123.

<sup>15</sup> HIGMAN, B. W. “The Sugar Revolution”. *Economic History Review*, 53 (2): 213-236, 2000, p. 213.

<sup>16</sup> BERLIN, Ira. *Many Thousands Gone: The First Two Centuries of Slavery in North America*. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press, 1998.

<sup>17</sup> Por exemplo, CURTIN, Ph., *The rise and fall...*, *op. cit.*

<sup>18</sup> Por exemplo, BERLIN, I., *Many Thousands Gone...*, *op. cit.*

<sup>19</sup> Sobre a importância historiográfica do Caribe hispânico, ver SUED-BADILLO, Jalil. “The Theme of the Indigenous in the National Projects of the Hispanic Caribbean”. In: SCHMIDT, Peter e Thomas C. PATTERSON (eds.). *Making Alternative Histories: The Practice of Archaeology and History in Non-Western Settings*. Santa Fe: School of American Research Press, 1995, p. 25-46.

y Sánchez<sup>20</sup> à cabeça, estão entre os que mais acreditam em uma revolução açucareira em série, frequentemente como parte de uma afirmação da “caribenhidade” das ilhas espanholas. Esta é a abordagem adotada por autores como Manuel Moreno Fraguinals, Frank Moya Pons, Antonio Benítez Rojo e pelo próprio Mintz na maior parte de seu trabalho. A situação “pré-revolucionária” dos territórios espanhóis é, por si mesma, de menor interesse. Os historiadores porto-riquenhos Andrés Ramos Mattei, Francisco Scarano e Antonio Gaztambide<sup>21</sup> seguem, até certo ponto, essa tradição historiográfica do Caribe hispânico. Para esses estudiosos, uma preocupação crítica maior tem sido a de situar as ilhas espanholas na história mais ampla dos regimes da *plantation* escravagista do Caribe, quebrando com uma historiografia anterior que minimizava a importância (e a crueldade) da escravidão nesses territórios.

Um exemplo recente na historiografia hispano-antilhana é o livro *Historia del Caribe: azúcar y plantaciones en el mundo atlántico*, de Moya Pons. Esse historiador, que pesquisou detalhadamente a história da República Dominicana nos séculos XVII e XVIII, centra seu abrangente trabalho na *plantation*. Ele considera que a evolução da *plantation* de açúcar é a força integradora dominante da história econômica do Caribe. O livro pouco menciona as Antilhas Espanholas no século XVIII. Moya Pons explica seu ponto de vista no epílogo (intitulado “¿Por qué la plantación?”):

Este livro trata, principalmente, da evolução da *plantation* açucareira como a força integradora predominante na história econômica do Caribe. Escolhemos este foco porque a unidade funcional do Caribe se percebe melhor quando se considera o sistema de *plantation* como a estrutura econômica subjacente que fez com que as economias coloniais se assemelhassem muito entre si, apesar das diferenças ecológicas e políticas entre as ilhas.

---

<sup>20</sup> GUERRA y SÁNCHEZ, Ramiro. *Sugar and Society in the Caribbean*. New Haven: Yale University Press, 1964.

<sup>21</sup> RAMOS-MATTEI, Andrés. *Azúcar y esclavitud*. Río Piedras: Universidad de Puerto Rico, 1981; SCARANO, Francisco A. *Sugar and Slavery in Puerto Rico: The Plantation Economy of Ponce, 1800-1850*. Madison, Wis., 1984; SCARANO, Francisco A. *Puerto Rico: una historia contemporánea*. México: McGraw-Hill, 1999; GAZTAMBIDE, Antonio. *Tan lejos de Dios: ensayos sobre las relaciones del Caribe con Estados Unidos*. San Juan, P.R.: Ediciones Callejón, 2006.

Poderíamos ter escrito uma história diferente do Caribe, utilizando um outro tipo de análise, mas se há uma corrente que flui ininterruptamente e produz a unidade histórica da região, essa é a evolução do sistema de *plantation*.<sup>22</sup>

Entretanto, um estudo mais apurado da “revolução que se repete” nas Antilhas Espanholas pressupõe um entendimento integral de sua história anterior, de uma sorte de “unidade funcional” das próprias Antilhas hispânicas. De outra forma, será muito difícil explicar as diferenças significativas nos territórios espanhóis aos que se poderia aplicar o conceito de “revolução”: por que a revolução açucareira demorou tanto a chegar nas ilhas espanholas; por que ali se estendeu tanto; como pode estar centrada na escravidão nas clássicas “ilhas açucareiras” no século XVIII, mas se dar parcial ou totalmente sem escravos nos territórios espanhóis; como entender as grandes variações em relação à integração entre o campo e o engenho açucareiro, ou em relação à prevalência de grandes propriedades rurais ou de cana-de-açúcar... ou, ainda, cabe se perguntar se uma revolução açucareira ou de *plantation* ocorreu, de fato, nas ilhas espanholas.

## Um “Índias Ocidentais” anglófonas

A narrativa sobre a revolução açucareira deriva-se, em grande parte, da história das ilhas anglófonas no século XVII<sup>23</sup>. De maneira geral, os estudos caribenhos têm sido anglocêntricos, bem como focados na *plantation* e na cana-de-açúcar. Isso acontece mesmo quando o assunto é, aparentemente, todo o Caribe<sup>24</sup>. Harry Hoetink observou bem “os muitos autores que ostentam o

<sup>22</sup> MOYA-PONS, Frank. *Historia del Caribe: azúcar y plantaciones en el mundo atlántico*. Santo Domingo: Editorial Búho, 2008, p. 431.

<sup>23</sup> Ver DE BARROS, Juanita, Audra DIPTEE e David V. TROTMAN (eds.). *Beyond Fragmentation: Perspectives on Caribbean History*. Princeton: M. Wiener Publishers, 2006; e CANABRAVA, Alice P. *O açúcar nas Antilhas...*, *op. cit.*

<sup>24</sup> Uma estratégia mais extrema é a de excluir totalmente do Caribe as Antilhas Espanholas. Essa abordagem é adotada por trabalhos que são, supostamente, sobre “o Caribe” (ou “as Índias Ocidentais”), mas que se voltam exclusivamente para as ilhas anglófonas e francófonas; ou que delimitam seu âmbito de referência ao que eles definem como ilhas anglófonas. Essa foi uma abordagem comum entre os historiadores e os cientistas sociais das ilhas anglófonas



nome “Caribe” ou “Índias Ocidentais” nos títulos de seus livros, sem ao menos mencionar as partes hispânicas da região. Tratando, em geral, do Caribe britânico ou da Comunidade de Nações, eles ensinaram ao público anglófono de todo o mundo a associar o Caribe, em primeiro lugar, a suas áreas anglófonas<sup>25</sup>.

---

até os anos 1960. O influente livro de M. G. Smith, *A Framework for the Caribbean Studies* (Mona: University College of the West Indies, 1956), enfatizou a enorme importância que, de acordo com ele, a escravidão da *plantation* teve para as relações sociais do Caribe e apresentou o estudo das Índias Ocidentais britânicas como se fosse o estudo “do Caribe”. Ao excluir simplesmente da região o Caribe hispânico, o modelo de “sociedade plural” de Smith torna-se mais plausível (LEWIS, Gordon K. *The Growth of the Modern West Indies*. Nova York: Monthly Review Press, 1968, p. 37-39). A ausência do Caribe espanhol provavelmente contribuiu para a esquematização do modelo de “sociedade plural”. Igualmente, a bibliografia principal sobre a região, a *Complete Caribbeana* (Millwood, NY: KTO Press, 1977), de Lambros Comitas, era bastante incompleta, pois excluía o Haiti e os territórios hispanófonos. Levando tudo isto em consideração, Mintz constrói sua noção de região histórica caribenha menos sobre a relação *plantation*-camponês como tal e mais sobre a própria *plantation*, como a força impulsionadora mais importante e geral. Mesmo em um estudo posterior, ao refletir sobre o Caribe como *oikoumenê*, Mintz caracteriza a região da seguinte maneira: o Caribe “pertence, em sua história como sujeito, às intenções fundantes dos poderes europeus: à atitude daqueles que criaram as colônias de *plantation* no além-mar e aos regimes coloniais e de trabalhos coercivos criados por esses regimes, que colocaram as colônias caribenhas no lugar que elas ocuparam e que aqueles regimes lutaram para manter e, quando necessário, readaptar, para alcançar seus objetivos” (MINTZ, Sidney. “Aturando substâncias duradouras...”, *op. cit.*, p. 49-88). A história ambiental do Caribe de David Watts (*The West Indies: Patterns of Development, Culture and Environmental Change Since 1492*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987) oferece uma visão breve, porém abrangente, das relações agrárias das Antilhas hispanófonas no contexto caribenho, uma tarefa que os historiadores das Antilhas hispânicas ainda não aceitaram totalmente. No entanto, Watts dedica quase dois terços de seu livro àquilo que ele chama de colônias “do noroeste europeu” (*i.e.*, não espanholas) e ao período compreendido entre 1625 e 1833. Como em Williams (*From Columbus to Castro...*, *op. cit.*), a discussão sobre as Antilhas Espanholas enfoca o século XVI, com referências dispersas aos desenvolvimentos pós 1830. Para seu mérito, Watts reconhece estas limitações desde o princípio (WATTS, D. *The West Indies...*, *op. cit.*, p. xix).

<sup>25</sup> HOETINK, Harry. “Race and colour in the Caribbean”. In: MINTZ, Sidney e Sally PRICE (eds.). *Caribbean Contours*, *op. cit.*, p. 56. Hoetink vai mais além: “Este preconceito encontra-se também entre os acadêmicos, pois muitos ‘caribenhistas’ têm o problema de se focarem em uma única língua e alguns deles estão aptos a fazer generalizações sobre o Caribe como um todo, baseados em uma pesquisa comparativa sobre, por exemplo, a Jamaica e St. Kitts, deixando o estudo das ilhas hispânicas para uma outra tribo, os latino-americanistas.” Hoetink também observa a tendência de acadêmicos hispânicos e especialistas latino-americanos, estrangeiros ao Caribe, vincular as Antilhas Espanholas com a América Latina continental, “como simples apêndices de um continente mais vasto e essencialmente mais

Junto com a ênfase no Caribe anglófono, a historiografia caribenha enfocou a produção de açúcar e o desenvolvimento da indústria açucareira. Em *The Rise and Fall of the Plantation Complex*, Curtin preocupa-se com a ecologia das ilhas do Caribe apenas em termos de sua adequação ao cultivo da cana-de-açúcar. Enquanto tal anglocentrismo *plantation*/açúcar influi na compreensão do Caribe em geral<sup>26</sup>, ele o faz de um modo especial sobre a forma como se entendem os territórios hispânicos.

Neste sentido, a distinção de Thomas Boswell entre as sub-regiões do Caribe, como “núcleo” (as Grandes e Pequenas Antilhas), “orla” (as Guianas, Belize e as outras cadeias de ilhas, principalmente as Bahamas) e “periferia” (litoral do continente), é interessante, pois é mais inclusiva do que as definições estritamente ‘arquipelágicas’ do Caribe. No entanto, entre outras questões, precisamos interrogar as conexões entre as três sub-regiões caribenhas<sup>27</sup> e os padrões histórico-geográficos dentro do arquipélago “núcleo” do Caribe. O livro *The Caribbean in the Wider World, 1492-1992: a Regional Geography*, de Bonham Richardson, começa com uma visão geral geográfica interessante, mas logo se situa na história tradicional do açúcar no Caribe<sup>28</sup>. Das Antilhas Espanholas durante a era açucareira, Richardson diz muito pouco; na perspectiva dele, aquelas ilhas estariam completamente “inativas”. Ele acrescenta: “As ilhas hispânicas eram usadas, principalmente, como postos de suprimentos e abrigo para as frotas espanholas e para a criação de gado, para a produção de carne-seca e couro, tanto para a Espanha quanto para o continente”. A indústria açucareira cubana, “adormecida”, segundo Richardson, durante o apogeu da *plantation* nas Antilhas Menores, teria “começado a acordar por volta de 1800”<sup>29</sup>. Assim, como Watts havia observado anteriormente, Richardson

---

fascinante (exceto quando uma revolução, como a de Cuba, inspira tanto o melhor quanto o pior delas).” A dificuldade geral de todos os pontos de vista é, conclui Hoetink, a “estreiteza de foco” e o “insularismo” (*Id. ibid.*, p. 56-57).

<sup>26</sup> Ver SHEPHERD, Verene A. *Slavery without Sugar: Diversity in Caribbean Economy and Society Since the 17th century*. Gainesville: University Press of Florida, 2002.

<sup>27</sup> Ver BOSWELL, Thomas D. “The Caribbean: a geographic preface”. In: HILLMAN, Richard S. e Thomas J. D’AGOSTINO (eds.). *Understanding the Contemporary Caribbean*. Boulder, Colo.: L. Rienner; Kingston, Jamaica: Ian Randle, 2003. p. 19-50.

<sup>28</sup> Ver RICHARDSON, Bonham. *The Caribbean in the Wider World, 1492-1992: A Regional Geography*. Nova York: Cambridge University Press, 1992.

<sup>29</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 36.

nota a tremenda demanda das ilhas açucareiras por madeira, e a devastação ambiental causada pelo rápido desmatamento por causa da produção de açúcar: “a rudeza desta mudança foi sem precedentes”<sup>30</sup>. Richardson não se estende sobre as implicações do desmatamento das ilhas açucareiras nem sobre os efeitos nas Antilhas Espanholas, bem cobertas de florestas (e bem próximas); também omite considerar os animais de carga, provenientes do território espanhol, um insumo chave para a produção<sup>31</sup>. “Expedições de madeireiros ocasionalmente visitavam pequenas ilhas sem *plantations* para cortar madeira destinada à combustão”<sup>32</sup>. Como tentativas localizadas de lutar contra a deterioração da ecologia, Richardson considera apenas o bagaço de cana e, principalmente, o aumento da importação de escravos. Ainda assim, a maior importação de escravos foi apenas um dos elementos introduzidos pelas *plantations* e, na realidade, ela criou outros problemas: houve a necessidade de mais terra de cultivo ou de importação de comida.<sup>33</sup>

A geografia histórica do Caribe é construída, comumente, com base na seqüência histórica específica dos centros do poder colonial britânico na região, prestando pouca atenção às ilhas francesas (com exceção de São Domingos), menos atenção ainda às ilhas holandesas<sup>34</sup>, e quase nenhuma atenção ao litoral

<sup>30</sup> *Id., ibid.*, p. 30-31.

<sup>31</sup> Ver FUNES, Reinaldo. *De los bosques a los cañaverales: una historia ambiental de Cuba, 1491-1926*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008.

<sup>32</sup> RICHARDSON, B., *op. cit.*, p. 31.

<sup>33</sup> Ver FUNES, R., *op. cit.*

<sup>34</sup> Os territórios hispanófonos do litoral continental (da costa da Venezuela a Iucatã), por sua vez, são geralmente excluídos do Caribe, mesmo por historiadores das Antilhas hispânicas. A influente definição do Caribe proposta por Eric Williams (*The Negro in the Caribbean*. Nova York: Haskell House, 1971) incluía todas as ilhas e, no continente, apenas as Guianas e Belize, por causa de suas semelhanças na economia, na composição racial e na agenda histórica: indo além da *plantation* para uma agricultura mais diversificada, a abordagem de Williams continua sendo importante nos estudos caribenhos. Neste sentido, por exemplo, o Amapá, no norte da Amazônia brasileira, é raramente considerado em relação ao Caribe, mesmo tendo sido parte da antiga Guiana Francesa até 1899 (e tendo adquirido o estatuto de Estado brasileiro apenas em 1988).

Os territórios continentais das Guianas não podem facilmente ser considerados parte do Caribe “de *plantation*”, pois estão localizados apenas sobre o Atlântico, e não sobre o Mar do Caribe (com exceção de Belize). Estes territórios apresentavam escravatura de *plantation* apenas em uma faixa costeira estreita de suas terras – o que nunca foi o caso de Belize, a qual, durante séculos, foi uma economia de produtos da floresta, remanescente das Antilhas Espanholas. Se se aplica a definição de arquipélago, mais Guianas e Belize – definição comum nos estudos “anglocêntricos” do Caribe –, a floresta amazônica ao sul das Guianas e a floresta pro-

caribenho da América Central e da América do Sul, o “Caribe continental”<sup>35</sup>. Isto é digno de nota, já que as ilhas hispânicas constituem 80% das terras do arquipélago caribenho (ainda que, em seu apogeu, as “ilhas açucareiras” fossem muito mais populosas), e que essa massa territorial hispanófono (e nativa) se multiplica quando se inclui o litoral continental<sup>36</sup>. Entretanto, a língua inglesa e o *background* anglo-saxão, junto com as conexões entre a escravidão britânica e a economia atlântica, fizeram com que os pesquisadores ingleses e norte-americanos assumissem um foco muito limitado ao Caribe anglófono.

---

funda de Iucatã e de Belize também são, de alguma forma, “caribenhas”, enquanto o litoral caribenho da Colômbia não o seria. (Ver TORRES-SAILLANT, Silvio. *An Intellectual History of the Caribbean*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006, p. 17-19). A definição de Caribe de Sidney Mintz tenta evitar esses problemas, excluindo todos os territórios continentais e, como Williams, considerando como “Caribe” apenas o arquipélago (MINTZ, S. “The Caribbean as a socio-cultural area”, *op. cit.*). Entretanto, uma definição de Caribe baseada apenas nas ilhas funcionaria tão bem para o Caribe quanto, digamos, para definir o Mediterrâneo.

<sup>35</sup> A questão importante do “Caribe continental” precisa ser considerada, repensando-se o Caribe espanhol e o Caribe em geral. A partir de sua perspectiva nacional específica, este repensar está mais avançado na Colômbia e no México, onde o Caribe (e sua grande importância na história da Colômbia, por exemplo, como um todo) foi “redescoberto”. Do nosso ponto de vista, as regiões dos países continentais, localizadas no litoral do Mar Caribe, fazem parte, certamente, do Caribe (ou “Grande Caribe”, como comumente se chama). Neste contexto, o Brasil apresenta um forte contraste com o Caribe por possuir uma massa continental sem formações insulares, o que não impede que se possa atribuir ao Brasil padrões de interação entre regiões litorâneas (em geral, confinadas por montanhas), bem como entre o litoral e o interior (o sertão), que lembram as relações existentes entre as ilhas do Caribe, bem como entre o arquipélago e o continente. Ver a esse respeito GIUSTI-CORDERO, Juan. “The Spanish Caribbean and Northeast Brazil in the seventeenth and eighteenth centuries: plantation zones and cattle hinterlands”. 2012 (em preparação)

<sup>36</sup> Boa parte do anglocentrismo presente nos estudos caribenhos deriva da persistência de um ponto de partida *externo*. Este é ainda um assunto complexo. Para os acadêmicos das Índias Ocidentais britânicas, a historiografia anglocêntrica do Caribe foi útil para o desenvolvimento de uma consciência do Caribe ou das Índias Ocidentais. “Se há um lugar onde podemos observar uma semente germinando, emergente da consciência caribenha, é entre as elites de cor educadas das antigas Índias Ocidentais britânicas, treinadas nas melhores universidades inglesas... e que são mais conscientes de seu passado colonial comum e da sua ascendência africana” (MOYA-PONS, Frank. “Caribbean Consciousness: What the Caribbean is not”. *Caribbean Educational Bulletin*, 5 (3): 40-49, 1978.). Além disso, a posição periférica do Caribe espanhol tem seus precedentes mais importantes nos escritores do norte da Europa, cujo foco estava posto nos territórios do continente ricos em minerais, e não na periferia colonial hispano-americana e seus moradores “atrasados” das províncias do norte da Nova Espanha, da América Central, da Nova Granada e do Rio da Prata.

Estes estudos vieram principalmente dos Estados Unidos, no marco de um ressurgimento da política afro-americana e da preocupação com o racismo.

## De volta à *plantation*

Embora o debate sobre o significado do trabalho escravo no desenvolvimento do capitalismo continue<sup>37</sup>, a *plantation* escravista do Caribe é vista ainda como uma unidade irrefutavelmente elementar da economia em expansão no mundo dos séculos XVII e XVIII; ela é, de certa forma, uma importante base conceitual. Mais do que a mineração de ouro e prata nas Américas (que provavelmente produziu muito mais riqueza), é a *plantation* escravista a que parece marcar o nascimento de uma nova ordem baseada em novas relações sociais. A definição de Philip Curtin do “complexo maduro da *plantation*” delinea o modelo estabelecido: 1) a maior parte do trabalho produtivo era trabalho forçado; 2) a população não era autossustentável; 3) a agricultura enquanto empresa estava organizada em *plantations* amplamente capitalistas; 4) existia uma jurisdição legal dos plantadores sobre os trabalhadores; 5) os mercados para produtos altamente especializados eram distantes; 6) o controle político ficava em outro continente e em outro tipo de sociedade<sup>38</sup>.

John McCusker e Russel Menard levantaram questões importantes sobre a estrutura real da produção de açúcar em seu *locus classicus*, Barbados. A icônica *plantation* integrada, eles advertem, pode não se ter desenvolvido tão cedo, nem ter sido tão comum em Barbados como se supõe. Uma “produção dispersa”, incrustada em relações sociais e ecologias locais, foi igualmente muito importante. O que McCusker e Menard chamam de “sistema disperso” de plantadores de cana é, na realidade, semelhante ao sistema de colonos das Antilhas Espanholas, aos cultivadores do Caribe francês e aos “lavradores de cana” do nordeste do Brasil<sup>39</sup>. No epílogo de seu livro sobre a revolução açu-

---

<sup>37</sup> Ver TOMICH, Dale. “Capitalism, Slavery, and World Economy: Historical Theory and Theoretical History”. In: *Through the Prism of Slavery: Labor, Capital, and the World Economy*. Nova York: Rowman and Littlefield, 2004. p. 3-74.

<sup>38</sup> CURTIN, Philip. *The Rise and Fall...*, *op. cit.*, p. 13.

<sup>39</sup> McCUSKER, John e Russell MENARD. “A new perspective on the Barbadian ‘Sugar Revolution’”. In: SCHWARTZ, Stuart (ed.). *Tropical Babylons: Sugar and the Making of the Atlantic World, 1450-1680*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004. Da mes-

careira, *Sweet Negotiations: Sugar, Slavery and Plantation Agriculture in Early Barbados*, Menard questiona o constructo da revolução açucareira proposto por Higman<sup>40</sup>.

O alerta de McCusker e Menard sobre o alcance histórico do modelo de *plantation* na história social do Caribe precisa ser multiplicado muitas vezes ao se abordar o Caribe espanhol. O desenvolvimento histórico das Antilhas Espanholas, nos séculos XVII e XVIII, foi diferente, embora ligado às ilhas de açúcar, pois ambas as áreas interagiram de maneiras que requerem uma leitura muito mais complexa da história social caribenha do que aquela dada por modelos categoriais, tais como a “revolução do açúcar” ou “a ilha que se repete”.

É bem verdade que o Caribe “é muito importante para a compreensão do mundo moderno, resultado global da transação colonial”, como escreve Silvio Torres-Saillant; o problema está nos detalhes. Deve-se prestar muita atenção aos “processos complexos e à dinâmica intrincada que participaram historicamente na formação das sociedades [caribenhas],” os quais “mostraram que o entendimento do próprio Caribe é uma tarefa desafiadora”<sup>41</sup>.

## Do ouro ao couro e às mulas nas Antilhas Espanholas

As ilhas de São Domingos e Porto Rico passaram pelo ciclo de produção de açúcar de *plantation* no meio do século XVI, depois de um forte crescimento da mineração, que usava o trabalho forçado de africanos e de nativos aruaques. Uma vez que as duas ilhas e Cuba eram os postos principais de passagem dos espanhóis para o continente, as atividades de fornecimento também foram importantes até os anos 1540, quando as colônias do continente se tornaram mais autossuficientes. Este ciclo do açúcar durou até o início do século XVII<sup>42</sup>. As indústrias de açúcar em Porto Rico e São Domingos tiveram

---

ma forma, o trabalho de Michel-Rolph Trouillot sobre Dominica desestabiliza a *plantation* clássica, demonstrando as conexões padronizadas entre os lavradores de Dominica (engajados basicamente na monocultura de banana) e a economia mundial, e no modo como estes padrões eram parcialmente uma construção dos camponeses (1988).

<sup>40</sup> MENARD, Russell. *Sweet Negotiations...*, *op. cit.*

<sup>41</sup> TORRES-SAILLANT, Silvio. *An Intellectual History...*, *op. cit.*, p. 25-27.

<sup>42</sup> GELPÍ, Elsa. *Siglo en blanco: estudio de la economía azucarera en el Puerto Rico del siglo XVI (1540-1612)*. San Juan: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 2000.

um segundo impulso por volta dos anos 1590, embora a produção no nordeste do Brasil crescesse rapidamente e inundasse os mercados europeus.

Enquanto os primeiros ciclos do açúcar das Antilhas Espanholas tiveram algum impacto na concentração de propriedades territoriais e na formação de classe em Porto Rico e São Domingos (e, em menor proporção, em Cuba), as colônias espanholas quase não foram consideradas como sociedades de *plantation*. A vida econômica das ilhas espanholas permaneceu ligada ao comércio vigoroso da Nova Espanha e do Peru, que se manteve até os anos 1630, embora cada vez menos ativamente, tendo Havana como seu principal entreposto desde a década de 1560<sup>43</sup>. Os espanhóis do Caribe não estavam nem desalojados nem derrotados nessa época, durante a qual a produção, o transporte, a riqueza e a demanda por bens de consumo europeus e por escravos africanos por parte dos espanhóis atraíram os corsários e contrabandistas provenientes do norte de um extremo ao outro do Atlântico<sup>44</sup>.

Desde a metade do século XVI, a caça de gado para couro (pelego), sebo e carne-seca, salgada e/ou defumada (toicinho, chacina, charque) tornou-se a principal atividade do Caribe espanhol. No início do século XVII, por volta de 40.000 peças de couro eram exportadas anualmente pelas Antilhas Espanholas<sup>45</sup>. Atravessadores franceses queriam comercializar essas peças por *ruanes* (linho de Rouen de diferentes qualidades), já que aquela cidade francesa tinha uma indústria reconhecida de couro e de *rouen*, sendo o primeiro deles um produto muito reconhecido. Amsterdam também tinha uma importante indústria de couro. Depois de 1600, os holandeses e, em seguida, os ingleses dominaram o comércio contrabandista. Nas Antilhas Espanholas, o contrabando chamava-se *rescate* (em português, “resgate”), uma justificativa útil para comercializar com os atravessadores estrangeiros. Geralmente usada no singular, essa palavra é quase impossível de definir, porque o fenômeno em si era muito elusivo, ficando na fronteira entre o crime e o negócio legal<sup>46</sup>.

O sal, para a enorme indústria de arenques do Mar Báltico, a canafístula (madeira medicinal) e o gengibre também ofuscaram o açúcar como bem

---

<sup>43</sup> ANDREWS, Kenneth R. *The Spanish Caribbean: Trade and Plunder, 1530-1630*. New Haven: Yale University Press, 1978, p. 54-55.

<sup>44</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 250.

<sup>45</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 195.

<sup>46</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 74.

de consumo no Caribe espanhol, bem como a madeira Campeche, extraída das Ilhas do Campeche e da Jamaica até o século XVIII. Os habitantes das Antilhas Espanholas eram primordialmente mulatos e negros livres, com forte ancestralidade nativa<sup>47</sup>. Por volta do final do século XVI, o *rescate* estava se tornando a principal forma de comércio; e, perto da metade do século XVII, era praticamente a única. A Espanha concentrou seus esforços na proteção de seus territórios e atividades mais valiosos, não nos mais vulneráveis<sup>48</sup>.

## Ecologia e vida material nas Antilhas Espanholas

A geografia física do Caribe é mais complexa do que, em princípio, possa parecer. Bastante diferentes da descrição geral da topografia de planície que comumente atribuem ao Caribe hispânico as perspectivas centradas na *plantation*, estas ilhas se caracterizam por possuírem um terreno íngreme, acidentado e arborizado, embora não necessariamente montanhoso, chamado *monte* (o equivalente à mata brasileira). Além do mais, antes de serem drenadas, as planícies do Caribe foram, frequentemente, áreas pantanosas. O território das Antilhas Espanholas era menos adequado às *plantations* de açúcar do que a outro tipo de produção, isto é, àquela que de fato se tornou a maior população dessas ilhas desde o século XVI: o gado selvagem, bodes, porcos e até cavalos, que se multiplicavam enormemente devido à falta de grandes predadores. Os porcos se adaptaram especialmente bem, em particular os “suínos de uma cepa resistente”<sup>49</sup>, trazidos das Canárias e da Espanha, conhecidos no Brasil como “porcos selvagens”.

---

<sup>47</sup> É fundamental fazer uma reavaliação completa da herança nativa das Antilhas Espanholas, para que se possa repensar a história social desses territórios nos séculos XVII e XVIII. A noção de uma tábula rasa em relação à conquista talvez seja a razão pela qual se tem a impressão de uma superficialidade histórica respeito dos camponeses/madeiros que habitaram posteriormente essas ilhas (SUED-BADILLO, J., *op. cit.*; HULME, Peter. *Colonial encounters: Europe and the native Caribbean, 1492-1797*. Londres; Nova York: Routledge, 1992; e FORTE, Maximilian C. (ed.). *Indigenous Resurgence in the Contemporary Caribbean: Amerindian survival and revival*. Nova York: Peter Lang, 2006).

<sup>48</sup> ANDREWS, K., *op. cit.*, p. 254.

<sup>49</sup> SAUER, Carl. [1966]. *The Early Spanish Man*. Berkeley: University of California Press, 1981, p. 157.



Em conjunção com a guerra e a pirataria, os europeus do noroeste estabeleceram suas primeiras *plantations* de açúcar nos anos 1630 e 1640, tomando posse das ilhas que tinham sido reclamadas, embora não ocupadas, pela Espanha. Desta maneira, nos territórios ilhéus de *plantation* ingleses, franceses, holandeses e dinamarqueses, foi tomando forma um conglomerado caribenho relativamente coerente, graças ao desenvolvimento de colônias densamente povoadas, principalmente por escravos africanos, e à interação com as áreas mais selvagens e mais amplas das ilhas espanholas; áreas estas que, de fato, os europeus do norte invadiram ou tentaram invadir. Os episódios-chave foram as *devastaciones* na Espanhola, na primeira década do século XVII, quando as autoridades hispânicas tentaram saquear as regiões nordeste e oeste da ilha para massacrar e retirar o gado, com o propósito de expulsar e realocar a população dessas regiões; tudo isso com muito pouco sucesso.

Em Cuba, houve muitos confrontos armados entre os *criollos* e oficiais do governo. Basta lembrar um deles, ocorrido em Bayamo, no Oriente (leste da ilha), cuja cidade portuária, Manzanillo, era um paraíso *rescatista*<sup>50</sup>. Em 1603, o tenente governador tentou acabar com os *rescates* na zona (dois anos antes das *devastaciones* em São Domingos), mediante a captura e traslado de toda a população de Bayamo para Havana, a centenas de quilômetros a oeste. As autoridades civis e eclesiásticas locais prenderam o enviado do governo e, quando Havana mandou reforços, a população de Bayamo fugiu para o *monte*<sup>51</sup>.

Nos séculos XVII e XVIII, na maior parte do território das Antilhas Espanholas e, especialmente, na complexa ecologia das “planícies” e terras

---

<sup>50</sup> Ver MOYA-PONS, Frank. *Manual de Historia Dominicana*. Santiago, República Dominicana: UCMM, 1980.

<sup>51</sup> Silvestre de Balboa, um ilhéu das Canárias que viveu em Bayamo e Porto Príncipe (Camagüey) (muito envolvido também na caça de animais, na criação de gado e no *rescate*), escreveu um poema importante intitulado *Espejo de Paciencia* (1608) (Havana: Editorial de Arte y Literatura, 1975). *Espejo de Paciencia*, o primeiro poema que se conhece da literatura cubana, conta a história do sequestro do bispo de Cuba, perpetrado em 1604 por um pirata francês, e o quase literal *rescate* do bispo (com peles e dinheiro) por um contingente de *criollos* de Bayamo. O ano de 1604 é precisamente o ano seguinte ao da tentativa de esvaziamento da população (ou, melhor dizendo, *devastación*) de Bayamo. No poema, os bayameses são os heróis, e o recente confronto com as autoridades coloniais é o subtexto sugerido.

altas adjacentes, prevaleceu a caça de gado selvagem para aproveitamento da pele e do sebo: a *montería* (de *monte*). Huguette e Pierre Chaunu relatam a exportação de couro como um dos componentes importantes dos carregamentos das Antilhas Espanholas para Sevilha até a década de 1630, com uma quantidade aproximadamente igual à de um comércio mais ou menos legal realizado entre as Antilhas e as Canárias espanholas. No período compreendido entre 1570 e 1630, o açúcar foi o carro-chefe das exportações para a Espanha, a partir de São Domingos e Porto Rico, tanto em volume, quanto em valor<sup>52</sup>. A pesca de tartaruga (da tartaruga verde, *Chelonia Mydas*) também foi importante para a alimentação dos bucaneiros, especialmente nos primeiros anos e em ilhas menores, que contavam com poucos animais. Como observou George Woodbury, “a tartaruga verde das Índias Ocidentais foi responsável, talvez tanto quanto ou mais do que qualquer outro fator nativo, pela concentração de atividades de pirataria nesta parte do mundo”<sup>53</sup>.

Os bucaneiros da história e da ficção diferiam pouco dos camponeses *monteadores* e *sabaneros* das ilhas espanholas, exceto pelo fato de que muitos deles se engajavam ocasionalmente em atividades de pirataria. Por volta da metade do século XVII, como relatou Exquemelin, boa parte da sobrevivência dos bucaneiros parece ter se baseado no escambo de couro. Ocasionalmente, como aconteceu nas Antilhas Espanholas, os antigos bucaneiros voltaram-se à criação de gado para alimentação e também –atividade mais rentável– para a utilização destes animais no trabalho. Na Espanhola oriental, os bucaneiros gradualmente se assentaram, adquiriram escravos e tornaram-se os primeiros *habitants* daquelas terras<sup>54</sup>.

<sup>52</sup> CHAUNU, Huguette e Pierre CHAUNU. *Seville et l'Atlantique 1504-1650*. Paris: A. Colin, 1955-1959, p. 140-143.

<sup>53</sup> WOODBURY, George. *The Great Days of Piracy in the West Indies* (Nova York: Norton, 1951, p. 106), citado por GALVIN, Peter. *Patterns of Pillage: A Geography of Caribbean-based Piracy in Spanish America, 1536-1718*. Nova York: Peter Lang, 1999, p. 87.

<sup>54</sup> EXQUEMELIN, A. O. *The Buccaneers of America: Comprising a Pertinent and Truthful Description of the Principal Acts of Depredation and Inhuman Cruelty committed by the English and French buccaneers against the Spaniards in America*. Londres: Folio Society, 1972, cap. 5.

A maior parte do território das Antilhas Espanholas não consistia de *plantations*, mas, formalmente, de terras da Coroa (*baldíos, realengos*) e enormes áreas sem demarcação nem registro (*hatos*), cujos títulos de posse eram quase sempre doados apenas no papel<sup>55</sup>, como acontecia com as sesmarias nas colônias portuguesas. Nas colônias espanholas, todas as terras pertenciam nominalmente à Coroa, embora ela não as controlasse nem ao menos formalmente. Em geral, eram os governantes locais que controlavam totalmente os usos dados à terra. Foi somente no século XIX que o termo **rancho** foi usado para significar uma propriedade produtora de gado, enquanto **rancherías**, no uso comum, significava caça de escravos nativos. Assim, os colonos assentados podem ter ligado tal caça à busca por gado selvagem.

Do ponto de vista histórico, os *hatos* são a forma social agrária caribenha mais importante, embora com diferenças em Cuba, São Domingos e Porto Rico. Os *hatos* também foram importantes na Venezuela<sup>56</sup> e na planície do México<sup>57</sup>. *Hatos* são, possivelmente, o antípoda das *plantations*; ainda assim, raramente eles aparecem conceituados na historiografia do Caribe. Como objeto histórico, o *hato* podia ser tão “selvagem” quanto ecológico. A paisagem do *hato* em São Domingos era similar àquela das outras Antilhas Espanholas: “Eles cobriam vastas áreas de terra, tipicamente ligadas por marcadores naturais como rios, vales ou um trecho arborizado. Dentro desses limites vivia qualquer número de famílias, cada qual podendo utilizar uma porção de terra ao invés de qualquer parcela específica”<sup>58</sup>.

---

<sup>55</sup> Em Porto Rico, por exemplo, no final do século XVIII, havia 234 *hatos*, a maioria dos quais no litoral ou nos arredores. Muitos deles tinham de 5 a 7.000 acres, com uma extensão total de 500.000 acres. Além disso, havia 1,5 milhões de acres sem títulos, os *baldíos* (“terras da Coroa”).

<sup>56</sup> OTTO, J. S. e N. E. ANDERSON. “Cattle Ranching in the Venezuelan Llanos and the Florida Flatwoods: A Problem in Comparative History”. *Comparative Studies in Society and History*, 28 (4): 672-683, Oct. de 1986.

<sup>57</sup> AGUILAR-ROBLEDO, Miguel. “Formation of the Miraflores Hacienda: Lands, Indians, and Livestock in Eastern New Spain at the End of the Sixteenth Century”. *Journal of Latin American Geography*, 2(1): 87-110, 2003.

<sup>58</sup> FRANKS, Julie. “Property Rights and the Commercialization of Land in the Dominican Sugar Zone, 1880-1924”. *Latin American Perspectives*, 26 (1): 106-128, 1999. A citação corresponde à p. 108.

O controle da Coroa sobre os *hatos* era limitado, ou quase inexistente.<sup>59</sup> Nas Antilhas Espanholas, os direitos de uso limitado (por exemplo, o direito de *montería* ou direitos de caça) eram dados pelas autoridades da cidade. Os *hateros* tinham pouco controle sobre os lavradores mais ou menos independentes que caçavam, pescavam, cortavam madeira, ou mesmo cultivavam na terra “deles”, embora tenha havido mudanças no decorrer do século XVIII. O registro de posse (isto é, de não propriedade) legal dos *hatos* era, geralmente, de uso comum e cedido por herança entre dezenas de famílias. Esses direitos eram obtidos na forma de “ações” ou *pesos*. Assim, os *hatos* eram frequentemente chamados de *hatos comuneros* (ou *tierras comuneras; haciendas comuneras*, em Porto Rico; e *terrenos comuneros*, em São Domingos), e alguns dos posseiros (assim denominados tanto em Porto Rico como no Brasil) podiam ser parentes próximos ou distantes<sup>60</sup>. Certamente, a caracterização desses camponeses como “posseiros” ou agregados alude a eles apenas como “fugitivos” ou “intersticiais”. Assim, a categoria mais abrangente de “reconstituídos” pode ser mais apropriada para se referir à primeira ou à segunda geração de camponeses que, inicialmente, no Caribe, tivesse estado sujeita a outras formas de trabalho (livre, por contrato ou escravo)<sup>61</sup>. Além do mais, a área ocupada por *baldíos* ou terras não doadas pela Coroa era muito maior do que as áreas dos *hatos*.

Com o passar do tempo, os padrões de exploração de gado no Caribe espanhol evoluíram da matança de gado selvagem, com o objetivo de se produzir carne defumada, para a troca por mercadorias com os navios de passagem e para se obter provisões; para encerrar o gado para engorda e abate para obtenção de carne; e para a criação de gado para sua posterior venda como animais de carga. As mulas das ilhas e do continente espanhol eram itens comerciais cada vez mais importantes nos séculos XVII e

<sup>59</sup> No século XVIII, as terras eram oferecidas cada vez mais como *estancias* (propriedades de pequeno porte, de 10 a 20 acres) para cultivo e criação de gado. Todas as terras eram cedidas sob certas condições (as *estancias*, especialmente para a agricultura), e não como simples propriedades privadas livres. Quando a Coroa começou a conceder terras sem essas obrigações, no século XVIII, tirou a autoridade das municipalidades e a concentrou no governo colonial.

<sup>60</sup> MOSCOSO, Francisco. “La economía del hato y los campesinos agregados en Puerto Rico, 1750-1815”. *Historia y Sociedad*, 11: 9-28, 1999.

<sup>61</sup> MINTZ, Sidney. “A Note on the Definition of Peasantries”, *op. cit.*

XVIII.<sup>62</sup> As mulas criadas em Porto Rico eram normalmente vendidas nas Antilhas Menores, em direção ao sul, até a ilha de Guadalupe, e em direção ao ocidente, para Saint-Domingue (talvez cruzando o Vale do Cibao, em trens de mulas ou *recuas*). Para a região mais ao sul do arquipélago, era mais prático importar as mulas das Guianas venezuelanas<sup>63</sup>. As regiões orientais da Espanha e de Cuba tinham seus próprios circuitos de mulas: a primeira, com Saint-Domingue, do lado ocidental da ilha, e a segunda com a Jamaica.<sup>64</sup> O negócio era realizado diretamente pelos caçadores e criadores de gado, ou através de intermediários, chamados *tangomangos* em São Domingos, os quais eram, frequentemente, negros ou mulatos livres. Esses *tangomangos* viviam na mata, fora do alcance das autoridades locais<sup>65</sup>.

As estatísticas sobre os escravos devem ser tratadas com cautela, especialmente no Caribe espanhol, onde a maior parte do comércio de escravos era de contrabando, e onde os senhores também escondiam o número verdadeiro de suas dotações para reduzir o imposto a ser pago. Mesmo assim, apesar de permitir uma grande margem de erro, nos séculos XVII e XVIII, havia clara-

<sup>62</sup> As mulas são produto da cruz de éguas com asnos; rebentos do casal oposto (*burdégano*) são raros. As mulas eram criadas em toda parte. Como são, normalmente, estéreis, sua procriação depende de uma quantidade regular dos dois animais genitores. As mulas são valorizadas como animais de trabalho e para transporte, pois combinam a força do cavalo, o passo seguro e o vigor do asno; em termos de inteligência cognitiva, as mulas podem sobrepujar os genitores, como resultado de uma “criação híbrida” ou heterose (ver GARAVAGLIA, Juan Carlos. “Agrarian Technology and Changing Ecosystems”. In: SCHELL HOBERMAN, Louisa e Susan Migden Socolow (eds.). *The Countryside in Colonial Latin America*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1996. p. 75-96). Em relação às particularidades que revestia a cria de mulas na fronteira brasileira, Tiago Gil afirma que um mapa de Rio Grande de São Pedro, em 1804, “apontava a existência de mais de cinco mil burros, que, unidos às mais de cem mil éguas de cria, produziam mais de vinte mil mulas anuais” (GIL, Tiago. *Infiéis transgressores: elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007, p. 53).

<sup>63</sup> AIZPURÚA, Ramón. “Las mulas venezolanas y el Caribe oriental del siglo XVIII: datos para una historia olvidada”. *Boletín Americanista*, 30(38): 5-15, 1988.

<sup>64</sup> No Brasil, a criação de mulas e os trens de mulas foram importantes, no século XIX, para o transporte do ouro de Minas Gerais para a costa e, mais tarde, para o transporte do café. Sobre a criação de mulas e os trens de mulas no Brasil, ver KLEIN, Herbert. “The supply of mules to central Brazil: the Sorocaiba Market, 1825-1880”. *Agricultural History*, 64 (4): 1-25, 1990.

<sup>65</sup> DEIVE, Carlos Esteban. *Tangomangos: contrabando y piratería en Santo Domingo, 1522-1606*. São Domingos: Fundación Cultural Dominicana, 1996.

mente uma quantidade muito menor de escravos nas Antilhas Espanholas do que nas ilhas de açúcar, tanto em números absolutos, quanto em proporções relativas. No final do século XVIII, uma época na qual mais de 90% da população das ilhas de açúcar era escrava, e a população escrava de Cuba estava evidentemente aumentando, essa população atingiu, em Cuba, o máximo de 30%, uma quantidade nunca superada, mesmo nos anos de maior importação de escravos no século XIX, quando as estatísticas da população cubana se tornaram mais confiáveis (em 1841, a população escrava era de 436.500, enquanto a população geral atingia 1.007.600)<sup>66</sup>.

No século XVIII, a população escrava de Porto Rico estava abaixo dos 5% e nunca ultrapassou os 11%, mesmo quando a escravidão se expandiu no século seguinte<sup>67</sup>. No século XVIII, a população de 125.000 de São Domingos pode ter incluído mais escravos fugitivos de Saint Domingue do que escravos da *plantation*. Estes últimos eram 15.000, ou seja, 12,5% da população<sup>68</sup>. Além do mais, em Cuba, assim como em Porto Rico<sup>69</sup> e São Domingos, a demografia dos escravos tem que ser examinada no contexto de regiões específicas de cada ilha. Regiões mais importantes de Cuba, como o Oriente, tinham uma proporção de escravos similar ou menor à de Porto Rico.

Animais, e não escravatura de *plantation*, eram o eixo da vida material das ilhas espanholas nos séculos XVII e XVIII. Eram centenas de milhares de cabeças de gado selvagem (*cimarrón, montaraz*), porcos e bodes alimentados pela vegetação natural abundante e pelos pomares das ilhas espanholas onde, como observa Carl Sauer, “formou-se o padrão do gado de rancho do Novo Mundo”<sup>70</sup>. Durante séculos, os *criollos* dos territórios espanhóis estavam tão envolvidos com a caça de animais como as pessoas das ilhas de açúcar com a agricultura: essa era talvez sua diferença fundamental. Sem nenhuma ad-

<sup>66</sup> BERGAD, Laird W.; Fe IGLESIAS GARCÍA; María del Carmen BARCIA. *The Cuban slave market, 1790-1880*. Nova York: Cambridge University Press, 1995, p. 30.

<sup>67</sup> DÍAZ-SOLER, Luis. *Historia de la esclavitud negra en Puerto Rico*. Río Piedras: Editorial Universitaria, 1970, p. 120-121; e CURTIN, Philip. *The Atlantic Slave Trade: a Census*. Madison: University of Wisconsin Press, 1969, p. 34.

<sup>68</sup> CURTIN, Ph. *The Atlantic Slave Trade...*, *op. cit.*, p. 35; e MOREAU de St. MÉRY, M. L. E. *Descripción de la parte española de Santo Domingo*. Ciudad Trujillo, R.D.: Editora Montalvo, 1944.

<sup>69</sup> Ver SCARANO, Francisco A. *Sugar and Slavery in Puerto Rico...*, *op. cit.*

<sup>70</sup> SAUER, Carl. *The Early Spanish Man*, *op. cit.*, p. 156.

miração por eles, o governador das ilhas Leeward chamou os *criollos* porto-riquenhos de “matadores de vacas”.<sup>71</sup> O gado, no Caribe espanhol, existia em relações ecológicas e sociais diversas, desde a caça de animais para tirar a pele e o sebo, no século XVI, até a engorda para abate e a criação de animais de carga (mulas, em particular) no século XVIII.

Nas Antilhas Espanholas dos séculos XVII e XVIII, enquanto a produção de subsistência dos camponeses (com toda sua complexidade ecológica) era, provavelmente, a atividade econômica predominante, a caça de gado e a criação de animais de abate e carga eram muito mais importantes comercialmente do que as *plantations* escravistas.

### Regiões de *plantation* e regiões de provisões

As *plantations* escravistas foram, sem dúvida, unidades de produção e, como tais, estavam também imersas em circuitos de reprodução. Estes incluíam os espaços e as práticas que geravam os insumos materiais da *plantation* escravista. Um “insumo”, claro, tomou toda a atenção: o trabalho, isto é, os escravos. Mas as *plantations* tinham outros insumos, e estes eram estratégicos também –além de ser frequentemente tão problemáticos– quanto a força de trabalho escravo: o gado, a comida, a madeira para construção, os animais de carga, a madeira para combustão. Não apenas itens de consumo (apesar de importantes para a reprodução), mas insumos que foram para o coração do processo de produção de açúcar. David Watts observa, por exemplo, “que uma característica ainda não suficientemente estudada do estágio inicial das terras canaveiras das Antilhas Menores foi o grande fornecimento de animais necessários para a moenda da cana”<sup>72</sup>.

As bem conhecidas tendências históricas que impuseram limites e parcialmente expulsaram os pequenos donos de terra livres (*yeomen*) do Caribe oriental e transformaram as florestas em *plantations*<sup>73</sup>, também criaram uma

---

<sup>71</sup> *Calendar of State Papers, Colonial, 1681-1685*, p. 483-484, cit. em MORALES-CARRIÓN, A., *op. cit.*, p. 40.

<sup>72</sup> WATTS, David. *The West Indies: Patterns of Development, Culture and Environmental Change Since 1492*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 197.

<sup>73</sup> DUNN, Richard. *Sugar and Slaves: The Rise of the Planter Class in the English West Indies, 1624-1713*. Nova York: Norton, 1972; e WATTS, D., *op. cit.*

forte demanda por produtos do Caribe espanhol. A história ambiental, por sua vez, não pode ser escrita ilha por ilha, mas sim por meio de um estudo das ilhas em interação umas com as outras.

Uma “divisão do trabalho” caribenha desenvolvida historicamente ligou as zonas de *plantation* às zonas de “abastecimento” e, de uma maneira mais abrangente, pode-se dizer que isso se deu pela relação entre o camponês e a *plantation*, bem como pela relação entre a planície e as terras altas<sup>74</sup>. A divisão do trabalho é essencial para se entender como o Caribe espanhol foi, e não foi, parte da economia da *plantation*. Pressionado pela crescente demanda das florescentes ilhas de açúcar, o Caribe espanhol desenvolveu uma economia principalmente de importação ilegal, que era sua forma de comércio ultramarino<sup>75</sup>. Entretanto, apesar da importância que teve no processo histórico do Caribe a economia de contrabando, os historiadores caribenhos raramente mencionaram esse fato de uma forma mais abrangente (em parte, devido a fontes documentais limitadas). O contrabando era a principal conexão entre o Caribe espanhol e as ilhas açucareiras, e foi em parte através das transformações que esse contrabando estimulou que os territórios espanhóis se foram tornando, enfim, ilhas de produção de açúcar. Pois os “suprimentos” foram sendo trocados cada vez mais por escravos.

De um lado ao outro da baía, uma série de circuitos intracaribenhos que envolviam produtos comuns (animais de carga, suprimentos, madeira para construção e combustível) uniram territórios espanhóis específicos, e regiões específicas dentro daqueles territórios, a certas colônias açucareiras: Cuba central e oriental com o norte da Jamaica; o leste de Porto Rico com as Ilhas Virgens; e o sul de Leeward com, pelo menos, Guadalupe; Porto Rico ocidental com Curaçao; e a Espanhola oriental (São Domingos) com

<sup>74</sup> GIUSTI-CORDERO, Juan. “Puerto Rico and the Non-Hispanic Caribbean: Un reto al exclusivismo de la historiografía puertorriqueña”. In: HERNÁNDEZ-CRUZ, Juan e María Dolores LUQUE de SÁNCHEZ (eds.). *Obra historiográfica de Arturo Morales Carrión*. San Germán: CISCLA, 1993.

<sup>75</sup> FELICIANO-RAMOS, Héctor. *El contrabando inglés en el Caribe y el Golfo de México (1748-1778)*. Sevilla: Excma. Diputación Provincial de Sevilla, 1990; FELICIANO-RAMOS, Héctor. “El comercio de contrabando en la costa sur de Puerto Rico (1750-1778)”. *Revista/Review Interamericana*, 14 (1-4): 80-99, 1984; e ARAÚZ, Celestino. *El contrabando holandés en el Caribe durante la primera mitad del siglo XVIII*. Caracas: Academia Nacional de la Historia, 1984.



a parte ocidental (Saint-Domingue). Na segunda metade do século XVIII, Saint-Domingue tornou-se um importante consumidor da produção trazida ilegalmente de Porto Rico, assim como do Oriente cubano e, principalmente, da metade espanhola oriental de São Domingos (o Vale do Cibao, que se encontra com a Plaine du Nord). Fray Iñigo Abbad registrou, em diversas ocasiões, o contrabando entre Porto Rico e Guarico, isto é, a Plaine du Nord: o coração da *plantation* escravista caribenha no apogeu de seu período revolucionário. No entanto, pouca atenção tem sido dada a este comércio singularmente importante<sup>76</sup>.

No Caribe, estes circuitos comerciais atravessaram várias regiões terrestres e marítimas, incluindo “submares” do Caribe, além de espaços que poderiam ser caracterizados como “regiões anfíbias” e que compreenderiam a região subaquática e seus litorais:

- A Passagem Windward: Bayamo/Manzanillo, Yaguana (Léogane), Santiago, Jamaica e Ballajá.
- Estreitos da Flórida/Bahamas, ilhas de coral do norte de Cuba e recifes de coral da Flórida – talvez a mais anfíbia de todas as sub-regiões caribenhas (e a mais estratégica nos séculos XVII e XVIII, pois era o gargalo mais importante para os carregamentos que vinham da Espanha e de outros pontos da Europa).
- A conexão anfíbia da Jamaica, através de corais, ilhotas, bancos e uma densa interação comercial com a América Central caribenha; inicialmente Campeche, a oeste da Península de Iucatã, e logo Belize, no seu litoral oriental; além do litoral de corais e manguezais da Costa do Mosquito (ou Misquito).
- O Estreito de Vieques e, mais amplamente, o nordeste do Caribe e as Ilhas Leeward – dinamarquesa/hamburguesa/britânica/francesa.

---

<sup>76</sup> ABBAD, Fray Iñigo. *Historia geográfica civil y natural de la isla de San Juan Bautista de Puerto Rico*. Río Piedras: Editorial Universitaria, 1979, p. 135 e 140.

- As Ilhas Windward – Trinidad – Leeward holandesa – Antilhas próximas da costa venezuelana e ligadas ao continente sul-americano.<sup>77</sup>

Estes são espaços caribenhos importantes, que não podem ser compreendidos sem um estudo detalhado da ecologia e da vida material concreta e complexa; da mesma maneira em que é fundamental a referência ao Atlântico maior e aos circuitos mundiais dos quais eles eram/são parte.<sup>78</sup>

<sup>77</sup> Ver AIZPURÚA, Ramón. *Curacao y la costa de Caracas...*, op. cit.. O estudo de Vidal-Ortega (*Cartagena de Indias y la región histórica del Caribe, 1580-1640*. Sevilha: CSIC, 2002) sobre as relações padronizadas, anfíbias, entre uma cidade portuária, o contexto caribenho e a região continental de Cartagena, com o contrabando como força propulsora mais importante, merece uma atenção especial. “O Caribe se formou, muito pouco depois de 1492, como um dos espaços mais dinâmicos do continente americano. Se Carlos Sempat Assadourian e Fernand Braudel definem espaços mercantis como lugares de encontro das esferas de circulação e troca, esta região, no período estudado, tornou-se, em pouco tempo, um espaço econômico perfeitamente definido. Nele, diversos circuitos convergiram e se naturalizaram” (p. 20). De fato, ao referir-se a Cartagena, Vidal-Ortega esquematiza uma sub-região importante do Caribe (talvez a mais importante da época), com a proximidade de perspectiva que precisa ser aplicada a outras regiões do Caribe: “A posição de Cartagena no espaço regional caribenho e sua situação como principal mercado da região permitiu que se adaptasse com maior facilidade às flutuações do mercado, à medida que o comércio de escravos, junto com a prata peruana, foram se tornando, entre 1610 e 1640, as principais fontes de riqueza em seu extenso e diversificado império” (p. 279). O estudo se encerra em 1640, exatamente quando as *plantations* estão entrando em cena nas colônias inglesas e francesas do Caribe oriental.

<sup>78</sup> Os papéis e lugares históricos do Caribe no Atlântico também precisam ser estudados urgentemente, dado que o interesse atual nos estudos do Atlântico, assim como os estudos culturais anteriores, pode, mais uma vez, obstruir, ao invés de aprofundar, uma reinterpretação histórica do Caribe (BAILYN, Bernard. *Atlantic History: Concept and Contours*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2005). A historiografia caribenha tem feito parte e funcionado como uma fatia da história do Atlântico: as “descobertas” e explorações, o sistema de frotas espanhol, o tráfico de escravos entre o Caribe e a África ocidental, o complexo da *plantation* e as revoluções do século XVIII são temas tanto do Caribe quanto do Atlântico (*Id., ibid.*). Entretanto, os estudos acadêmicos atuais sobre o Atlântico ainda não consideraram mais especificamente as maneiras pelas quais o Caribe faz parte dessa região oceânica; de fato, a tendência tem sido a de focar o Atlântico Norte. Precisamos olhar para o Caribe como um dos mares que são formados por, e formam, o Oceano Atlântico, e que têm sua própria complexidade “interna”..., incluindo os “submares” que formam regiões anfíbias e os circuitos sócio-históricos. A maior parte das ilhas caribenhas (com exceção da Jamaica e algumas ilhas menores) são, certamente, ilhas tão “atlânticas” quanto “caribenhas”, uma vez que seus litorais ao norte e/ou a leste estão,

No geral, talvez a expressão mais relevante da divisão do trabalho *plantation*/fornecimento no Caribe seja a Espanhola, uma ilha cuja posição global na história do Caribe é raramente discutida. A Espanhola é crucial para a compreensão do início e do fim do período aqui analisado: da sociedade nativa à sociedade escravista. Moya Pons, que enfatizou fortemente a importância da *plantation* para a história caribenha, incluindo a República Dominicana, reconheceu a magnitude do comércio interno da Espanhola, embora não fale de sua relevância mais ampla no Caribe.

Moya Pons observa que, no século XVIII, os suprimentos internos de gado em Saint-Domingue não eram suficientes, e a colônia tinha que importar gado “espanhol” do lado oriental da ilha. Em 1702, por exemplo, o comércio terrestre de peles, gado e cavalos era de 50.000 escudos. “Este comércio de gado entre franceses e espanhóis na ilha de São Domingos marcou as relações entre as duas colônias durante todo o século XVIII e *foi uma das bases da revolução açucareira de Saint-Domingue no século XVIII*”<sup>79</sup>. A capital, Santo Domingo, tinha escassez contínua de animais e carne porque o gado era largamente contrabandeado para a parte oeste da ilha, Saint-Domingue<sup>80</sup>: “O problema se assentava no comércio mantido pelas vilas do interior com a colônia francesa... Mandar gado para [a cidade de] Santo Domingo não era bom negócio para os criadores do interior”<sup>81</sup>. Além do mais, “as vilas não estavam dispostas a abandonar o comércio, nem as autoridades coloniais estavam inclinadas a consentir nisso, com o risco de perderem seu protagonismo econômico” (que, provavelmente, já tinham perdido). Por volta de 1700, “os habitantes do interior de São Domingos (Santiago, La Vega, Azúa, Hincha) estabeleceram uma comunicação ativa com a colônia francesa, fornecendo animais, mulas para os engenhos e outros itens, em troca de bebidas alcoólicas (aguardente, provavelmente rum), tecido e roupas”<sup>82</sup>.

---

geograficamente, no Atlântico (e fazem parte de uma rede de ecologias atlânticas).

<sup>79</sup> MOYA-PONS, Frank. *Manual de Historia Dominicana, op. cit.*, p. 141 (ênfase JGC).

<sup>80</sup> GUTIÉRREZ-ESCUADERO, Antonio. *Población y economía en Santo Domingo, 1700-1746*. Sevilla: Diputación Provincial, 1985, p. 149.

<sup>81</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 154.

<sup>82</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 160.

Entre os franceses, Moreau de St. Méry reconheceu a importância do comércio bovino de Saint-Domingue com Santo Domingo.<sup>83</sup> O governador de Cap Français declarou que os espanhóis “sabem que, em relação às nossas *plantations* de açúcar, não podemos viver sem o gado deles, uma vez que o gado de que dispomos não é suficiente para cobrir as nossas necessidades.”<sup>84</sup> As tentativas de as autoridades coloniais suprimirem esse comércio atingiram seu ápice em 1721, com um rápido levantamento em Santiago de la Vega, os *Tumultos de Santiago*, um confronto armado entre os criadores de gado de Santiago e as autoridades da capital<sup>85</sup>.

Os modelos do comércio interno (e, aparentemente, sobretudo terrestre) na Espanhola e seus processos associados foram parte de transformações mais amplas, de cujo marco nem o Caribe nem o Atlântico estavam isolados, sendo, como eram, uma parte integral e ativa da economia mundial em desenvolvimento; economia esta que, por sua vez, os estruturava. Entretanto, esses padrões e processos mais locais existiam e se desenvolviam de um modo específico, por assim dizer, e não é possível deduzi-los, hoje, com base em transformações mais amplas – não, pelo menos, antes de reconhecê-los e documentá-los.

## Conclusão

Por muito tempo, as Antilhas Espanholas foram estudadas por meio das lentes da *plantation* escravista, mesmo em períodos em que ela tinha pouca importância para essa área. A unidade de produção campo-e-engenho, de monocultura em larga escala, dirigida à exportação e movida por trabalho escravo deixou de existir, há muito tempo, como protagonista da história do Caribe. No entanto, a *plantation* escravista mantém sua aderência na imaginação dos historiadores muito tempo após seu colapso. Nos séculos XVII e XVIII, as Antilhas Espanholas eram, e não eram, diferentes das ilhas produtoras de açúcar, pois estavam todas conectadas por modelos de interação econômica e social desde o início da colonização norte-europeia, em começos do século

<sup>83</sup> MOREAU de St. MÉRY, *op. cit.*, p. 361.

<sup>84</sup> Citado em MOYA-PONS, F. *Historia colonial de Santo Domingo*. Santiago, R.D.: UCMM, 1977, p. 233.

<sup>85</sup> GUTIÉRREZ-ESCUADERO, A., *op. cit.*, p. 169-170.

XVII. Estas ligações, certamente, estavam entremeadas com o Atlântico maior e mais além<sup>86</sup>.

Em relação ao Caribe, as perspectivas efetivamente anglocêntricas e centradas na *plantation* podem ter começado a desmoronar na década de 1970. Vários trabalhos sobre as relações sociais “camponesas” durante e depois da escravidão<sup>87</sup>, sobre a sociedade *criolla*<sup>88</sup> e sobre uma economia política histórica<sup>89</sup> fizeram críticas importantes às perspectivas centradas nas *plantations*. De fato, numa leitura cuidadosa, mesmo as perspectivas paradigmáticas das *plantations*, como a de Mintz em “The Caribbean as a Socio-cultural Area” (1971), estão longe de ser perspectivas centradas simplesmente na *plantation*.

Nas duas últimas décadas, a onda de estudos culturais e de gênero forçou a repensar a cultura e a construção cultural.<sup>90</sup> No entanto, esta impor-

<sup>86</sup> GREENE, Jack P. e Philip D. MORGAN (eds.). *Atlantic History: A Critical Appraisal*. Nova York: Oxford University Press, 2009; BAYLIN, B., *op. cit.*; e SUED-BADILLO, J., *op. cit.*

<sup>87</sup> MINTZ, Sidney. “Slavery and the rise of peasantries”. In: CRATON, Michael (ed.). *Roots and Branches: Current Directions in Slave Studies*. Toronto: Pergamon Press, 1980. p. 213-242; MINTZ, Sidney. *O poder amargo do açúcar...*, *op. cit.*; RODNEY, Walter. *A History of the Guyanese Working People, 1881-1905*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1981; e PICÓ, Fernando. *Libertad y servidumbre en el Puerto Rico del siglo XIX: los jornaleros utua-deños en vísperas del auge del café*. Río Piedras: Huracán, 1979.

<sup>88</sup> Ver BRATHWAITE, Edward Kamau. *The Development of Creole Society in Jamaica, 1770-1820*. Oxford: Clarendon Press, 1971.

<sup>89</sup> TOMICH, Dale. *Slavery in the Circuit of Sugar: Martinique and the World Economy, 1830-1848*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.

<sup>90</sup> Nas Ciências Sociais também se levantaram questões contundentes e necessárias em relação às unidades de análise ligadas espacialmente, sobretudo no Relatório Gulbenkian, *Open the Social Sciences*, (Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1996). A controvérsia dos estudos de área dos anos 1990 questionou praticamente as demarcações existentes e suas razões. As bacias marítimas, que tiveram uma posição bastante marginal na demarcação global dos estudos de área, despertaram novo interesse (LEWIS, Martin W. e Karen WINGEN. 1999. “A maritime response to the crisis in area studies”. *Geographical Review*, 89 (2): 161-168, 1999). De qualquer maneira, o lugar/espaco (embora com variações de escala) continua sendo uma dimensão vital da realidade social e da explicação histórica. Espaço e tempo estão, claro, completamente interligados, pois “temporalidades” são também “espacialidades”. Oruno D. Lara (*Space and history in the Caribbean*. Princeton, N.J.: Markus Wiener Publishers, 1996) oferece perspectivas estimulantes sobre a geografia histórica da região; no entanto, oscila demais entre a abstração e o empirismo. Os estudos caribenhos estariam, aparentemente, à frente de seu tempo; entretanto, o rótulo “Caribe” é tão restrito quanto quaisquer das outras demarcações dos “estudos de área”, entre outras razões porque estava centrado no arquipélago e não na bacia como um todo, e por causa do entramado que o

tante mudança de perspectiva tem estado sempre baseada em compreensões esquemáticas e a-históricas da história social do Caribe, nas quais “*plantation*”, “escravidão” e concepções relacionadas com raça e cultura terminam por manobrar de forma obscura. A sociedade *criolla*, por sua vez, foi parcialmente assimilada pela última onda de estudos dentro da defesa cultural de uma “criolização” genérica, desincorporada<sup>91</sup>.

A interpretação mais conhecida sobre a história do Caribe do ponto de vista pós-moderno é o ensaio de Benítez Rojo sobre a “ilha que se repete”: *The Repeating Island: The Caribbean and the Postmodern Perspective*<sup>92</sup>. Baseada na teoria do caos e na ênfase em uma não repetição absoluta, a abordagem de Benítez Rojo reafirma, entretanto, uma perspectiva que se originou nos anos 1920 (Guerra y Sánchez) e que está centrada na *plantation* como a chave rítmica do meio cultural do Caribe. Entre a repetição e a não repetição absoluta, por mais estimulantes que sejam estes extremos, um deles fica com uma sensação de vazio.

A introdução de mestre de *The Repeating Island* pode ser mais relevante para a abordagem adotada por este artigo. Ali, Benítez Rojo argumenta em favor do *desenvolvimento* de uma sociedade *criolla* na Cuba oriental do século XVII, muito interligada com a Passagem Windward (*Paso de los Vientos*), onde a Cuba “espanhola”, a Jamaica “inglesa” e a Saint-Domingue “francesa” formaram um triângulo especialmente comercial, social e histórico.<sup>93</sup>

---

campo intelectual caribenho foi adquirindo à medida que se desenvolvia historicamente. Ver a página da web da Universidade de Duke sobre o *Oceans Connect Project*, discutido no artigo citado de Lewis e Wingen: <http://www.duke.edu/web/oceans/project.html>. O projeto busca “ênfatizar as interligações transoceânicas” e “suplementar a estrutura dos estudos de área baseada no continente, introduzindo uma superfície visível bastante diferente, na qual os mares mais importantes do planeta seriam vistos não como margens, mas como centro”.

<sup>91</sup> MINTZ, Sidney. “Enduring substances, trying theories...”, *op. cit.* (ed. em português: MINTZ, Sidney. “Aturando substâncias duradouras, testando teorias desafiadoras: a região do Caribe como oikoumenê”. *O poder amargo do açúcar...*, *op. cit.*, p. 49-88).

<sup>92</sup> BENÍTEZ-ROJO, Antonio. *The Repeating Island: The Caribbean and the Postmodern Perspective*. Durham: Duke University Press, 1992.

<sup>93</sup> A fascinação de Benítez-Rojo com a Passagem Windward, entre Cuba e o Haiti, fica evidente com a publicação da coleção de contos intitulada *Paso de los Vientos* (Madri: Plaza Mayor, 1999). Estes contos foram publicados originariamente em inglês com o título *A View from the Mangrove* (Amherst: Univ. of Massachusetts Press, 1998). Benítez-Rojo imaginou *Paso de los Vientos* como a terceira parte de uma trilogia, da qual fariam parte também o livro de ensaios (*The Repeating Island*) e um romance (*Sea of Lentils*, publicado em espanhol em

Essa região anfíbia do Caribe, que está enraizada em séculos de comércio legal e de contrabando, em ecologias locais e movimentos de pessoas, e que não foi reduzida nem à “diferença” nem à “repetição”, é um espaço histórico importante que precisamos investigar.

O espaço histórico caribenho tem sido examinado de maneira fragmentada<sup>94</sup>. Trabalhos históricos sobre o Caribe nos séculos XVII e XVIII tendem a focalizar ataques às colônias espanholas pelos ingleses, franceses e holandeses; oferecem uma história de piratas, corsários e (raramente) bucaneiros tipicamente de quadrinhos e hollywoodianos; ou, como numa grande quantidade de trabalhos nas décadas recentes, estão focados nas *plantations* escravistas e na produção e comercialização de açúcar (ao menos em relação às ilhas não hispanófonas). Precisamos ir além desses fragmentos de história e discernir modelos mais amplos, não lineares, do Grande Caribe, que conectem e multipliquem estas histórias parciais.

Além da literatura existente sobre as Antilhas Espanholas individualmente nos séculos XVII e XVIII, é necessário ir ao detalhe na pesquisa sobre o regime de posse de terras, conhecido como *hatos, tierras comuneras* ou *hatos comuneros*, nos quais o regime de posse de terra conhecido como *hato* é visto como um processo geral nas Antilhas Espanholas, interagindo tanto com as ecologias locais quanto com as relações sociais, e com processos mais amplos nas ilhas não hispanófonas, de *plantation* escravista. Estes modelos não aparecerão todos de uma vez, mas precisam primeiramente ser pesquisados em sub-regiões terrestres/marítimas específicas do Caribe, tais como a Passagem Windward, o Estreito da Flórida/Bahamas, a Costa do Mosquito, o Estreito de Vieques/Leewards e a costa continental das Ilhas Windward, as Antilhas Holandesas, Trinidad e América do Sul. É nessas sub-regiões, e não nas maiores interconexões da região do Caribe como um todo, onde primeiro teremos de buscar, e onde provavelmente encontraremos, as redes de padrões comerciais e relações sociais que apontam para uma economia caribenha mais local ofuscada, por assim dizer, na historiografia corrente, pela *plantation* (mas muito mais do que isso!). Este é o trabalho que nos espera no estudo do Caribe

---

1984, e em inglês em 1990). Este foi o último trabalho publicado por Benítez-Rojo, quem faleceu em 2005.

<sup>94</sup> WATTS, D., *op. cit.*; RICHARDSON, B., *op. cit.*; e LARA, Oruno D. *Space and history in the Caribbean*. Princeton, N.J.: Markus Wiener Publishers, 1996.

nos séculos XVII e XVIII e é um esforço que pode ser importante para toda a historiografia do Caribe.

## **MÁS ALLÁ DE LAS REVOLUCIONES AZUCARERAS: REPENSANDO EL CARIBE ESPAÑOL EN LOS SIGLOS XVII Y XVIII**

### RESUMEN

Las Antillas españolas figuran poco en la historiografía caribeña del siglo XVII y XVIII, cuyos protagonistas son generalmente las Antillas de habla inglesa, francesa y holandesa. La escasa importancia de las plantaciones esclavistas en las Antillas hispanas durante esos siglos parece excluirlas de la historia de la región. Sin embargo, un análisis más integrado de la historia del Caribe revela una interacción importante entre la producción de provisiones, ganado y madera de las Antillas hispanas y las vecinas “islas azucareras”, mediadas ante todo por el comercio de contrabando.

**PALABRAS CLAVE:** Caribe, azúcar, plantaciones, contrabando.

Recebido em: 15/30/12

Aprovado em: 24/09/12